

IDENTIDADE CULTURAL E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA DE RESTINGA SECA- RS

Cultural Identity and Space Organization on the Restinga Seca-RS Geographic Micro Region

Helena Brum Neto

Mestranda em Geografia no PPGGEO/CCNE/UFMS

Meri Lourdes Bezzi

Orientadora/ Prof^a. Dr^a. do Depto. de Geociências/UFMS

Artigo recebido em 21/02/2006 e aceito para publicação em 24/03/2006

RESUMO: *A cultura surge como uma forma de interpretar a organização do espaço, através das experiências de cada grupo, suas atitudes e valores, onde as singularidades conferem caráter próprio a uma determinada região, ou seja, um recorte espacial com conotação cultural distinta. Nesse sentido, o presente trabalho, deteve-se, na análise do processo de ocupação étnico-cultural e sua contribuição à organização do espaço da Microrregião de Restinga Seca-RS. Para tanto, partiu-se de um amplo referencial teórico, específico à temática em estudo. No segundo momento, foram coletadas informações em fontes primárias e secundárias, como trabalho de campo e dados estatísticos (FEE) e censitários (FIBGE). A análise e interpretação dos resultados permitiram entender a organização do espaço na Microrregião em estudo, bem como, inferir sugestões que, busquem auxiliar no desenvolvimento local e regional, considerando os aspectos culturais.*

Palavras-Chave: Identidade cultural, organização do espaço, região, imigração.

ABSTRACT: *Culture uprise as a way to realise the space organization, thro each group experiences, attitudes and values, where single out events provides proper forms to a selected region, or as wished, a special cut with cultural significance. So, this research, analise the ethnic culture occupation process and its contribution to the organization of the space of the Restinga Seca-RS Geographic Micro Region. Besides its was made a wide theoretical approach, specific to the theme. In second moment, informations were collected in primary and secondary sources such as worfield, statistics (FEE) and census data (FIBGE). The result analises and interpretation lead one to understand the organization of the spaces of the Micro-Region in wiew. As well as find out sugetions to the local and regional developmente, considering cultural aspects.*

Key-Words: Cultural identity, space organization, region. imigration.

1. INTRODUÇÃO

O homem como agente (re)organizador do espaço, transforma a natureza de acordo com suas necessidades, imprimindo-lhes as características marcantes da sua cultura. Tem-se, então, uma configuração regional, onde um grupo social confere à sua base espacial uma identidade, que irá diferenciá-la das demais.

Referente a esse processo de identificação regional, Bezzi (2002) argumenta que a região é justamente, a expressão das diferenciações do processo de produção do espaço, onde as diferenças se combinam, mas permanecem como diferenças. Portanto, um grupo social confere a sua base espacial características culturais dotadas de significados que denunciam a origem étnica que a moldou.

Nesta perspectiva, a temática deste estudo funda-se na posição central da influência cultural na organização do espaço, analisando suas implicações no processo de ocupação étnico-cultural ocorrido na Microrregião Geográfica de Restinga Seca e, sua contribuição à formação e transformação do seu espaço geográfico. É importante destacar que muitos estudos, já realizados, evidenciam a construção de identidades culturais nesta Microrregião, porém, isoladamente e abrangendo apenas os maiores contingentes étnicos, ou seja, alemães e italianos, que nesta vieram (re)construir suas vidas.

No entanto, paralelamente, outras culturas vieram compor o tecido étnico desta Microrregião, marcando profundamente seu espaço geográfico, destacando-se: os descendentes de portugueses e, trilhando um caminho mais tortuoso, os descendentes de africanos.

Culturalmente, identifica-se uma diversidade étnica neste recorte do espaço gaúcho, onde cada etnia se expressa com sua singularidade, manifestando-a e concretizando-a de forma distinta na paisagem.

Considerou-se, também, as transformações e a conseqüente reestruturação do espaço na Microrregião em estudo, procurando: (a) verificar o marco temporal e os fatores responsáveis por estas mudanças; (b) identificar a principal economia e sua relação com a paisagem, considerando as potencialidades naturais, com intuito de demonstrar os principais problemas enfrentados na atualidade e, (c) estabelecer alternativas de desenvolvimento para esta Microrregião.

Diante destas metas e analisando as dificuldades e os erros cometidos no passado, pôde-se prognosticar viabilidades nas áreas já desenvolvidas, como também, propor alternativas para dinamizar as áreas estagnadas, tornando-as produtivas no atual sistema econômico.

Nesse sentido, elaborou-se o diagnóstico e a posterior regionalização geoeconômica da Microrregião Geográfica de Restinga Seca. Buscou-se, então, caracterizar a utilização do espaço produtivo de cada município, visando a melhoria das condições socioeconômicas da população e, também, destacando os obstáculos/dificuldades que inviabilizam o desenvolvimento regional. Salienta-se que, a questão cultural permeia a organização econômica, sendo responsável pela materialização das distintas atividades econômicas produzidas nos municípios que integram a Microrregião Geográfica em estudo.

2. METODOLOGIA

A operacionalização dos dados dividiu a pesquisa em fases.

No primeiro momento, realizou-se um amplo levantamento bibliográfico, para se estabelecer o referencial teórico, procurando aprofundar o desenvolvimento teórico-metodológico da pesquisa, através de bibliografias específicas sobre a temática em questão.

Neste sentido, resgatou-se questões básicas para este estudo, principalmente no que se refere

ao povoamento e ocupação do Rio Grande do Sul, imigração, cultura, identidade cultural, região, desenvolvimento regional, organização do espaço e paisagem cultural.

Definidas as matrizes teóricas, a segunda etapa constituiu-se em levantamentos de fontes secundárias, tais como dados estatísticos da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE), para o ano de 1960 e, dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), via Censo Agropecuário, referentes aos anos de 1970, 1980, 1990 e 2000. Foram coletados dados da FEE, pois o IBGE não dispõe, atualmente, em sua unidade de Santa Maria e, nem no banco de dados do site (www.ibge.gov.br), informações relativas aos censos agropecuários anteriores a 1970. Desta forma, obedeceu-se um intervalo temporal de 10 anos, partindo da data de emancipação dos municípios que compõe a Microrregião de Restinga Seca.

A terceira fase esteve alicerçada na coleta de informações em fontes primárias, através do trabalho de campo, com intuito de observar “in loco” a problemática em questão. Nesse sentido, elaborou-se um questionário, instrumento de pesquisa, com questões específicas sobre a temática desta investigação, a qual se constitui na base das entrevistas realizadas. A entrevista foi estruturada de forma padronizada para todos os entrevistados, uma vez que a mesma garante, desta forma, maior controle nas respostas, inclusive no resultado da pesquisa.

Salienta-se que o trabalho de campo baseou-se em entrevistas direcionadas a informantes qualificados, através de órgãos específicos dos municípios que compõe a Microrregião Geográfica de Restinga Seca. Procurou-se também, evidenciar os aspectos econômicos, através da coleta de informações nas Secretarias de Agricultura dos municípios de Agudo, Restinga Seca, Faxinal do Soturno e Silveira Martins, uma vez que, a economia deste recorte espacial gaúcho está alicerçada no setor primário.

A seleção destes municípios guiou-se pela origem étnica e, também, pelo principal produto agrícola cultivado. Assim, optou-se pelo município de Agudo, com predomínio da colonização alemã e, economia alicerçada nos cultivos de fumo e arroz; Restinga Seca, de colonização mista e, economia baseada no arroz, bem como Faxinal do Soturno e Silveira Martins, ambos de origem italiana, com setor primário baseado nas lavouras de arroz e batata-inglesa, respectivamente.

Enfatizou-se, também, a busca de dados que permitiram realizar a reconstituição histórica da Microrregião em estudo, através de entrevistas em órgãos ligados à temática cultural, como: a Associação Italiana (Santa Maria), o Museu da Imigração (Silveira Martins), Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (CONDESUS) e o Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

E, finalmente, a última etapa, constitui-se na interpretação e análise dos dados coletados nas fases anteriores os quais permitiram inferir sugestões que, busquem auxiliar no desenvolvimento regional, considerando os aspectos culturais.

3. IDENTIDADE CULTURAL E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Os fluxos etnodemográficos que ocuparam o Rio Grande do Sul dotaram o território gaúcho de características culturais singulares, com significativas mudanças nas tradições existentes até àquele momento. Dentre as quais se destacam, principalmente, o incentivo a agricultura, visando contrapor a economia pecuarista.

Entretanto, sua contribuição não ficou restrita à esfera econômica e, assumiu proporções maiores. Pois, pode-se considerar que, deve-se ao processo de ocupação étnico-cultural a elaboração de uma civilização original: a gaúcha. Nesta, o regionalismo tornou-se a “marca” mais expressiva e, também, uma forma de apropriação do espaço, conferindo-lhe uma identidade.

Neste sentido, segundo Castro (1992) apud Bezzi (2002, p. 11), é importante enfatizar que:

Como não há regionalismo sem substrato regional, a compreensão do primeiro supõe a necessidade de discutir e conceituar a região, enquanto base territorial para a expressão do fato político. A análise do fato regional pressupõe, então, o conhecimento do espaço como um nível de generalização maior, ou seja, o produto da transformação da natureza pelo trabalho social.

A cultura surge, então, como uma forma de interpretar a organização do espaço, uma vez que os grupos sociais ao (re)construírem suas vidas, criam novas realidades espaciais. Assim, infere-se que a cultura permeia uma comunidade étnica na qual foi concebida, orientando suas ações e relações com o espaço, materializando neste suas características distintivas.

Assim, a cultura passa a ser a chave da significação entre a materialidade do espaço e as características da existência e consciência social, nesse caso, a região existe e materializa-se em uma determinada porção do espaço (BEZZI, 2002).

Neste contexto, pode-se inferir que os diferentes aspectos da cultura afirmam seu peso na estrutura espacial das sociedades, bem como oferecem aos homens os meios de apropriarem-se dos ambientes e, nestes, imprimirem suas características distintivas, fazendo surgir as identidades regionais.

Percebe-se, desta forma, que as práticas espaciais estão unidas a questão cultural, pois sendo o homem produtor e produto da cultura, ocupa concretamente o espaço, criando-o e recriando-o, utilizando-se para tal de formas simbólicas, compartilhadas com os demais membros de sua comunidade étnica.

É importante salientar, segundo Claval (1999, p. 287) que “... os grupos humanos transformam os

meios naturais onde se instalam (...) a paisagem humanizada toma forma variadas que refletem as escolhas e os meios das diferentes culturas”.

Pode-se dizer, então, que na prática a relação entre os caracteres físicos (meio) e os humanos (âmbito étnico-cultural) conferem a um determinado espaço originalidade e homogeneidade. Porém, por outro lado, evidenciam os problemas das desigualdades regionais.

Relativo a este processo, Boudeville (1973, p. 05) diz que “... o crescimento não surge ao mesmo tempo em todo lugar. Ele se manifesta com intensidade em pontos ou pólos de crescimento (...) se espalha por diversos canais, com efeitos terminais variáveis no conjunto da economia”.

Assim, nem todas as sociedades dispõem dos mesmos mecanismos de conhecimentos e técnicas, e do mesmo registro de interpretação e de motivações. Os indivíduos e os grupos são condicionados pela educação que receberam, onde a cultura aparece, assim, como herança.

Portanto, a identidade de uma cultura sobrevive ao tempo, mas não escapa da história, fazendo com que os povos que compartilham de determinadas técnicas de comunicação apresentem traços comuns. De acordo com Bezzi (1996, p. 296) “... é através dos costumes, dos hábitos que se pode interpretar um determinado grupo social e perceber as disparidades regionais que orientam as análises espaciais do desenvolvimento”.

Salienta-se que, a identidade cultural é indispensável para a manutenção de um grupo social e, também, para o entendimento da produção do espaço local e regional e seus respectivos níveis de desenvolvimento. Assim, a região surge, justamente, como a expressão das diferenciações do processo de produção do espaço, onde as diferenças se combinam, mas permanecem como diferenças.

Nesta perspectiva, ter-se-á recortes espaciais distintos, mas que ao somarem-se,

evidenciam as características comuns, que possibilitam ao “todo” formar um espaço único, onde os grupos sociais se reconhecem e se identificam.

4. A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA DE RESTINGA SECA-RS: GÊNESE E EVOLUÇÃO

A presença do imigrante trouxe mudanças significativas nas tradições culturais e foi importante na busca do equilíbrio do Estado gaúcho, povoado inicialmente por portugueses, espanhóis e africanos e seus descendentes. Através da presença do imigrante, acentuaram-se as diferenças, e também, os laços que ligavam as comunidades, estes manifestados, principalmente, pela fala e pelos laços de família (consangüíneos), como uma tentativa de preservar sua cultura.

Desse modo, deve-se aos ocupantes do Rio Grande do Sul, a construção de uma identidade cultural que, apesar de suas peculiaridades culturais, são todos gaúchos.

Do ponto de vista cultural, a Microrregião Geográfica de Restinga Seca apresenta três recortes culturais bem distintos: o primeiro, composto pelos municípios de Restinga Seca e Formigueiro, de colonização mista (portugueses, italianos, africanos); o segundo, constituído pelo município de Agudo, predominantemente de colonização alemã; e o terceiro, composto pelos municípios de Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, São João do Polêsine e Silveira Martins, nos quais prevaleceu a colonização italiana.

Dessa forma, o arranjo espacial da Microrregião em estudo é resultante da ocupação cronológica por imigrantes distintos, os quais, conseqüentemente, estruturaram uma organização espacial caracterizada pelo grupo cultural que o originou, manifestando-as com particularidades na paisagem gaúcha. Inicialmente, o povoamento, obedeceu aos condicionantes naturais do relevo. Assim, na depressão central, por ser uma área plana,

com ondulações leves e, de fácil acesso, foram instaladas grandes propriedades rurais, com origem na doação de sesmarias e, voltadas à pecuária. Estima-se que a ocupação desta área é anterior a 1750, pois a cidade de Restinga Seca, consta pela primeira vez num documento oficial em 1817.

Atualmente, correspondem aos municípios de Restinga Seca e Formigueiro. Estes, por terem sido ocupados antes do início do processo migratório Europa-Brasil, tiveram povoamento misto, onde prevaleceram as culturas portuguesas e africanas. Após, direcionaram-se para estes municípios, os alemães e os italianos, havendo uma assimilação entre os hábitos das diferentes culturas. Dessa forma, a “marca” cultural não é significativa na paisagem, ou seja, ao ver, não se pode identificar a origem étnica.

Salienta-se que o africano, devido aos fatores históricos de sua inserção no Brasil, não atuou como agente organizador do espaço de forma livre. Esta situação deve-se a sua condição de escravo, sempre reprimido e sem direito a qualquer tipo de liberdade, seja pessoal ou cultural. Num primeiro momento, o trabalho desenvolvido pelo escravo negro, estava condicionado ao seu “Senhor”, e à vontade imposta por este. Posteriormente, com a abolição da escravatura, ficou à margem da sociedade, constituindo vilas segregadas cultural e economicamente, localizando-se na periferia das cidades que compõem a Microrregião.

No entanto, seus descendentes conseguiram manter algumas tradições, principalmente quanto aos rituais religiosos, danças e culinária. Hoje estes valores culturais representam a herança cultural reprimida no passado, mas que apesar disto, foi mantida e, hoje é cultuada, principalmente, através da cotidiano deste grupo social no quilombo São Bento, situado no município de Nova Palma.

Outro marco cronológico importante para a presença cultural na Microrregião foi a instalação da colônia de Santo Ângelo, hoje, município de Agudo, também na depressão central. Sua criação data de

1857 e marca a inserção do imigrante alemão na Microrregião. A presença desta imigração é caracterizada pela agricultura baseada na mão-de-obra familiar, com produção agrícola distinta.

Porém, foi através da fundação da colônia italiana, denominada de *Cittá Bianca*, que se efetivou a ocupação e o povoamento da Microrregião de Restinga Seca, situada em áreas mais declivosas do Rebordo do Planalto.

Num primeiro momento, recebeu esta denominação, após, foi chamada de *Cittá Nueva* e, somente em 1879, a colônia recebeu a denominação pela qual é conhecida até hoje, Silveira Martins, 4º Núcleo de Imigração Italiana, organizada pelo Império, a denominação Quarta Colônia, por extenso, é recente e, oriunda do Projeto Identidade. Este visa integrar os descendentes da ex-colônia de Silveira Martins. (José Itaquí, secretário do CONDESUS).

O primeiro grupo de imigrantes vênets constituiu-se de 12 famílias, que vieram de Porto Alegre num vapor até Cachoeira do Sul (pelo rio Jacuí). Para chegar a área destinada para a colônia, seguiram em carretas e a pé, numa viagem que durou cerca de 15 dias. Estima-se que, a estes imigrantes, seguiram-se 2000 italianos para Silveira Martins. (Centro de Pesquisas Genealógicas da Quarta Colônia, 2004).

Desse modo, em 1882, teve início a expansão da Colônia, através da formação de vários núcleos interiores, os quais originaram os municípios que, atualmente, compõe a Quarta Colônia. À medida que se expandia a corrente povoadora, aumentava, na mesma ordem, a área destinada para a lavoura (BRONDANI, 1981).

Inicialmente produzia-se na Microrregião, milho, feijão, fumo, batata-inglesa, arroz e centeio. Percebe-se que, o arroz, o fumo, o milho e a batata-inglesa na atualidade, são os principais cultivos da Microrregião. Estas culturas acompanharam os imigrantes desde a fundação das colônias, alterando somente, a ordem de importância de seu cultivo, de acordo com a demanda imposta pelo mercado. Este

fato vem confirmar a origem e permanência da principal atividade econômica dos municípios, ou seja, a agricultura.

Destaca-se que a principal dificuldade enfrentada pelos colonos, foi, sem dúvida, o isolamento conseqüente das precárias malhas viárias. Buscando amenizar esta realidade, os imigrantes, utilizaram-se das vias fluviais, destacando-se, o rio Jacuí. Este rio serviu de elo, integrando os núcleos coloniais com os demais povoados. Salienta-se que, a integração entre as comunidades coloniais e os habitantes dispersos nos vários municípios que compõe a Microrregião, num primeiro momento, ocorreu através das necessidades comerciais, principalmente nas unidades territoriais de Restinga Seca, Formigueiro e Santa Maria.

É importante salientar que, na fase de expansão, o espaço geográfico da Microrregião era essencialmente rural, caracterizando-se através da agricultura colonial ou da pecuária praticada nas grandes propriedades dos municípios de Restinga Seca e Formigueiro.

Entretanto, com a construção de duas estradas de ferro, uma que ligava Porto Alegre a Uruguaiana (1885), passando por Restinga Seca e, a outra, unindo Santa Maria- Cruz Alta- Passo Fundo (1899), passando próxima a Val de Buia, houveram melhorias significativas para o comércio colonial. Surgiram, então, pequenos núcleos de concentração da população, nos quais se instalaram estabelecimentos comerciais de pequeno porte, destinados a gêneros de primeira necessidade (alimentícios, vestuário, remédios, sementes, entre outros), juntamente com as capelas.

Ao redor, foram se estabelecendo casas para domicílio, geralmente de famílias que abandonavam o campo, em busca de outros serviços, como carpinteiros e alfaiates. Porém, a maioria das residências foi constituída pelos agricultores. Tal situação ainda pode ser constatada na atualidade.

Pode-se dizer então, que os imigrantes

tiveram que se adaptar a esta nova realidade, na qual desenvolveriam a atividade a que estavam propostos. Ao mesmo tempo tentavam reconstruir alguns traços da sua terra natal. Nesse sentido, desenvolveram através da vivência, um elo afetivo com o lugar, além da percepção, típica do homem do campo, que através dos sinais, “sentia” as diferentes manifestações das condições do tempo. Tais condições foram essenciais para desenvolverem a sua principal atividade econômica neste momento, ou seja, a agricultura.

Constata-se que, a partir do meio rural, teve início um lento processo de urbanização que, posteriormente, configurou os limites dos municípios. Ressalta-se que, em 1886, a Colônia de Silveira Martins foi desmembrada e, sua área dividida entre os municípios de Júlio de Castilhos, Santa Maria e Cachoeira do Sul. Assim, muitos municípios que hoje compõem esta Microrregião, pertenciam a outros, sendo que, alguns destes tem seus processos emancipatórios bastante recentes, como Silveira Martins, Ivorá e São João do Polêsine, respectivamente, 1987, 1988 e 1992 (IBGE, 2002).

Desse modo, a atual configuração do território da Microrregião de Restinga Seca é recente, embora tenha sido povoada a mais de dois séculos. Esta situação justifica-se pela estrutura ter permanecido basicamente agrária por longo tempo, carentes em setores básicos como saúde, educação e comércio. Para sanar esta deficiência, a população residente nos mesmos procurava os centros maiores e, mais próximos, como Santa Maria e Cachoeira do Sul, uma vez que, muitos dos municípios que hoje formam a Microrregião, pertenciam como distritos a estes dois municípios.

É interessante ressaltar também, apesar da dinâmica espacial, na atualidade, que esta Microrregião pouco se modificou, pois a infraestrutura destes municípios encontra-se em recente desenvolvimento, com investimentos em saúde e educação. Há hospitais, escolas e comércio locais, procurando atender as necessidades da população, porém, ainda não o fazem de maneira satisfatória.

De forma geral, estes municípios, caracterizam-se por possuírem pequenos núcleos urbanos, onde o processo de expansão ocorre horizontalmente, uma vez que o índice de verticalização é baixo na maioria dos municípios, chegando a ser, em alguns, nulo. Devido a sua origem rural, a população residente, na atualidade, encontra-se distribuída entre o campo e a cidade de forma desigual, prevalecendo o primeiro, com 57,21% da população total da Microrregião em estudo, sendo que em municípios como Agudo, Formigueiro e Ivorá, esses percentuais atingem 67,60%, 65,13% e 69,61%, respectivamente (IBGE, 2002).

A influência do setor primário pode ser constatada, também, através da indústria e do comércio local, onde predominam empresas de beneficiamento de cereais, cooperativas (presentes em todos os municípios), comércio de máquinas e demais insumos agrícolas. Procurando aumentar as oportunidades de negócios e, também, o incentivo ao setor secundário, o município de Agudo já está implantando um projeto para a criação de um distrito industrial, no qual, já se instalaram indústrias ligadas à metalurgia, móveis e artefatos de cimento.

Pode-se destacar, também, a indústria moveleira em Restinga Seca, geradora de emprego e que contribui para o aumento da renda para o município. A presença do setor terciário na Microrregião faz com que nem toda a população dependa diretamente do setor agropecuário.

Salienta-se que, as potencialidades naturais compostas de conjuntos de montanhas, vales e pequenas cidades da Microrregião, propiciaram alternativas de desenvolvimento através do potencial turístico a ser explorado. Configuram-se, então, novas alternativas de renda para os municípios, em função das belezas naturais aliadas aos aspectos culturais. Através de investimentos em infraestrutura, o turismo surge como alternativa de desenvolvimento local e regional.

A denominação Quarta colônia tem sido o principal expoente desta atividade, onde se integram

o antigo e o novo, de forma harmoniosa. Como exemplo, pode-se citar o resgate da história dos colonizadores, com a criação de museus (Museu do Imigrante, em Silveira Martins, Museu Histórico de Novo Treviso e Museu do Imigrante em São João do Polêsine); monumentos ao imigrante (em Silveira Martins, no local aonde chegaram os primeiros colonos); sociedades culturais (alemãs e italianas), bem como um Parque Histórico Municipal e Museu Externo, ambos em Dona Francisca. Além disso, a paisagem é composta por um patrimônio arquitetônico considerável, composto por habitações bem conservadas e, que proporcionam ao visitante vivenciar um realidade “típicamente colonial”.

As associações, geralmente, formadas por descendentes de imigrantes, buscam resgatar as origens, ou seja, a herança colonial e preservar os costumes e o idioma, ou seja, alguns códigos que lhe conferem a identidade cultural. Neste sentido, destaca-se a Associação Italiana de Santa Maria (AISM), fundada em 1992, com intuito de reatar os laços entre a comunidade italiana da porção central do Rio Grande do Sul. Para tanto, oferece serviços como biblioteca, curso de italiano (em parceria com a UFSM e, reconhecido pelo consulado italiano), grupo folclórico de danças Felic’Itália, Coro Tri-Vêneto e Coral Giuseppe Verdi. Além disso, proporciona a oportunidade de intercâmbio Brasil-Itália, através de convênios entre a Universidade Federal de Santa Maria e instituições superiores na Itália.

Portanto, na busca de novas formas de desenvolvimento, não agrícolas, este recorte espacial gaúcho tem sofrido uma reorganização espacial, alicerçada, principalmente, no turismo rural e colonial.

As principais manifestações desta reorganização espacial estão concretizadas através dos hotéis-fazenda, oriundos de antigas propriedades rurais, os quais proporcionam o lazer no meio rural. Outro tipo de alternativa é o ecoturismo, através das trilhas ecológicas. Também são importantes as festividades típicas como: Exposição de Faxinal do Soturno (EXPOFAX), EXPOCOLÔNIA, Festival do Queijo e do Vinho, Feira Gastronômica, Festival

do Peixe, em Faxinal do Soturno, e Semana Cultural e Festival de Inverno em Vale Vêneto, bem como as festas comemorativas relativas ao aniversário de cada município. Nestas, é demonstrado, o trabalho do imigrante na construção e organização do espaço nesta região colonial gaúcha.

Ressalta-se que, muitos destes investimentos, têm sido realizados em Faxinal do Soturno, centro geográfico e comercial da Quarta Colônia. Isto é fruto de um projeto existente no município, que visa torná-lo a capital gastronômica da Colônia.

Em geral, as atividades que buscam o desenvolvimento local e regional devem-se, a parceria realizada entre as Prefeituras Municipais e o Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul (CONDESUS).

Este, foi idealizado em 1993 e fundado em 1995, com intuito de viabilizar recursos do projeto Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, bem como a educação ambiental nos municípios. Além disso, outros projetos têm sido realizados dentre os quais, destaca-se a criação de uma Rota Paleontológica na Quarta Colônia.

Objetivando sua operacionalização, a parceria entre CONDESUS, Secretária do Espaço do Desenvolvimento Econômico e Social, Ministério do Meio-Ambiente, Ministério da Política para o Turismo, Secretaria de Combate as Desigualdades Regionais (RS) e o SEBRAE, assinaram um protocolo de intenções, no qual estabeleceram a construção de quatro Parques Paleontológicos (Faxinal do Soturno, São João do Polêsine, Agudo e Dona Francisca), visando à preservação dos fósseis, bem como a construção de quatro Museus Paleontológicos e um Centro de Pesquisas Paleontológicas.

Com a materialização deste projeto, ter-se-á a efetiva proteção dos fósseis existentes nesta porção do espaço gaúcho e, evitar-se-á que os

mesmos sejam levados para outros locais e, ou instituições.

Destaca-se que, as iniciativas, voltadas ao desenvolvimento regional, estão baseadas, principalmente, na esfera econômica e, tem gerado polêmicas. Exemplo disto é a inclusão dos municípios de Agudo e Restinga Seca, na Quarta Colônia, com apoio do CONDESUS.

Ressalta-se que, por um lado, a anexação de Agudo e Restinga Seca, trouxe riqueza cultural e econômica para a Quarta Colônia, mas em contrapartida, descaracterizou a predominância da cultura italiana, uma vez que, a própria regionalização da área teve como critério à cultura.

O que se observa, é a tentativa de formar um conjunto de municípios consorciados, com uma “identidade cultural” regional expressiva. Esta é reconhecida, principalmente, através da cultura italiana. Entretanto, outras etnias se fazem presentes, como a alemã, a portuguesa e a africana, viabilizando o consumo deste espaço. Nesta perspectiva, Santos (1999) enfatiza que hoje o espaço tende a ser mercadoria, produzindo o que se denomina consumo do espaço, no qual a atividade turística representa o seu maior expoente.

Nesse sentido, a herança cultural, muito expressiva na Microrregião de Restinga Seca, proporciona a manutenção dos grupos sociais, com novos arranjos espaciais que se configuram frente as necessidades de manutenção impostas pelo capital e, afirma seu peso na organização do espaço produtivo ao longo do desenvolvimento desta Microrregião, proporcionando, a manutenção social e econômica dos seus habitantes.

5. O SETOR PRIMÁRIO DA MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA DE RESTINGA SECA-RS

A agricultura colonial se desenvolveu na Microrregião de Restinga Seca, baseada na mão-de-obra familiar, transformando os lotes até então

improdutivos em lavouras empresariais, altamente produtivas. A agricultura constitui-se, atualmente, no principal agente dinamizador da economia dos municípios, principalmente com os cultivos de arroz, fumo e milho.

A estrutura fundiária destes municípios é constituída de pequenas propriedades, permanecendo assim desde o início do processo colonizador, uma vez que o imigrante europeu recebeu pequenos lotes para cultivar. Porém, em Restinga Seca e Formigueiro, predominam as grandes propriedades, assim consideradas as que possuem mais de 100 ha, tendo na lavoura orizícola e na pecuária seus principais atores econômicos, responsáveis pela organização do seu espaço produtivo.

Em ambos os casos, observa-se um alto grau de mecanização, uma vez que, os produtores não economizam nas práticas que fornecem resultados satisfatórios, a fim de obter altos índices de produtividade. No entanto, nas pequenas propriedades, predomina a mão-de-obra familiar, não sendo necessária à contratação de terceiros, devido à pequena extensão das propriedades em torno de 25 ha. Já as grandes propriedades, além de terem trabalhadores assalariados fixos, em épocas de safra, necessitam de trabalhadores temporários e, conseqüentemente, geram oportunidades de emprego na Microrregião, mesmo que esporadicamente.

Em geral, os produtores rurais estão organizados em associações, destacando-se as cooperativas agrícolas, presentes em todos os municípios da Microrregião. Dentre as quais, salientam-se a Cooperativa Agrícola Mista de Nova Palma (CAMNPAL), que atua nos municípios de Nova Palma, Faxinal do Soturno, São João do Polêsine e Dona Francisca; a Cooperativa Agrícola Agudense Ltda., em Agudo; a Cooperativa Agrícola Mista Santo Isidoro Ltda., em Faxinal do Soturno e São João do Polêsine; a Cooperativa Tritícola Sepeense, em Formigueiro e a Cooperativa Tritícola de Júlio de Castilhos (COTRIJUC), em Ivorá.

As cooperativas e as firmas particulares são as responsáveis pela comercialização da produção agrícola da Microrregião. Além destas, os produtores estão vinculados ao Sindicato Rural dos seus municípios, bem como as Cooperativas de Crédito. Já, a assistência técnica, é fornecida pela EMATER e, mais especificamente, no caso do fumo, pelas indústrias fumageiras.

A produção destina-se, em grande parte, ao mercado interno, local e regional, sendo que uma parcela é exportada, geralmente, para os países do MERCOSUL. A produção agrícola está alicerçada na lavoura temporária, com destaque para os produtos como arroz, fumo e milho, sendo que, a única exceção é o município de Silveira Martins, onde o principal produto é a batata-inglesa. No entanto, através do trabalho de campo, pode-se constatar a expansão da lavoura de soja neste Município, sendo que ainda não há dados oficiais relativos a esta produção, devido a sua recente implantação.

O arroz é um produto cultivado nas colônias desde a sua origem, tendo como finalidade inicial à subsistência das famílias. Destaca-se que este produto, ao longo do desenvolvimento do setor agrário da Microrregião, teve expansão tanto em área plantada, quanto em produtividade. Salienta-se que, em Restinga Seca, esta cultura também se desenvolveu no decorrer do tempo, em pequenas propriedades (menores que 9 ha) e, em grandes propriedades (9- 250 ha), sendo que predominava nas primeiras. (IRGA, 1960).

A expansão da lavoura orizícola ocorreu em áreas antes ocupadas pela soja e trigo e, mais especificamente, em Restinga Seca e Formigueiro, pela pecuária, que cederam suas terras para o arroz. (IBGE, 1980).

Basicamente, a Microrregião caracteriza-se pelo uso intensivo da terra, beneficiando pela fertilidade natural do solo e abundância de recursos hídricos. A ampla utilização de mecanização e insumos, principalmente, a partir da década de 80, gerou um significativo aumento da produtividade e,

o arroz, passou a ocupar posição privilegiada na Microrregião. Em termos de produtividade, destacam-se os municípios de Dona Francisca, São João do Polêsine, Agudo e Faxinal do Soturno, com 7.515 kg/ha, 7.000 kg/ha, 6.967 kg/ha e 6.478 kg/ha, respectivamente.

Atualmente, o arroz é o primeiro produto em área cultivada em 6 dos 9 municípios que compõe a Microrregião, com 31.812 ha plantados, sendo o principal gerador de divisas. Isto demonstra a ampla utilização das áreas de várzea, onde é cultivado, através da prática de curvas de nível.

Em épocas de colheita, são alugadas colheitadeiras, pois a maioria dos produtores possui apenas tratores. O mesmo ocorre com as instalações para armazenagem do arroz, pois poucos possuem silos. Nas propriedades, há instalações (não muito adequadas), onde o produto é armazenado até o transporte para as cooperativas.

O milho é o segundo cultivo em área plantada na Microrregião, com 17.039 ha Acompanhou o imigrante desde a implantação das colônias, pois a partir deste, era feita a polenta, base da alimentação dos colonos, assim como servia de alimentação para os animais. Portanto, era um produto de subsistência nas colônias. Com as pesquisas de melhoramento genético, desenvolvidas pela EMBRAPA, originaram-se híbridos mais resistentes e, o milho apresentou um aumento na produtividade, tornando-se um produto compensador, para o produtor rural.

Salienta-se que, nos municípios de Nova Palma, onde o milho é segundo produto mais cultivado, e em Ivorá e Silveira Martins, respectivamente o primeiro e terceiro produto em área cultivada, o mesmo apresenta produtividade em torno de 3.000 kg/ha. Este cultivo ocorre nas áreas mais declivosas da Microrregião, uma vez que não exige topografia plana como é o caso do arroz.

O fumo foi cultivado na Microrregião desde o início da ocupação colonial, em caráter de

subsistência. Hoje, destaca-se como um produto economicamente rentável, sendo o terceiro cultivo em área plantada nos municípios de Agudo, Faxinal do Soturno e Dona Francisca, por ordem de importância.

O sistema de cultivo baseia-se em um pacote tecnológico fornecido pela indústria fumageira. Esta se caracteriza, basicamente, pelo fornecimento de insumos, garantia de crédito rural, assistência técnica e compra da produção (MOURA; MIGUEL; ALMEIDA, 2003).

Assim como o milho, o fumo também tem a maior parte das lavouras nas áreas mais declivosas, com restrições ao uso, e com solos onde a presença de rochas expostas é bastante expressiva. Tais condições edáficas, necessitam da utilização quase que exclusiva da tração animal e da mão-de-obra familiar onde se utiliza principalmente do primeiro. Esta atividade, também, exige dedicação quase que exclusiva, pois ocupa mão-de-obra o ano todo, sendo que, esta é essencialmente familiar.

Na Microrregião, a maior produtividade média do fumo é obtida no município de Agudo, com 2640 kg/ha (IBGE, 2002), onde este produto é cultivado desde 1859, resultante da expansão da fumicultura da colônia de Santa Cruz (WERLANG, 1995).

Salienta-se ainda que a energia necessária para a secagem do produto nas estufas fumageiras é obtida através da lenha, o que aumentou o desmatamento na Microrregião. Esta situação agravou-se, quando as matas da Microrregião passaram a integrar o projeto Reserva da Biosfera e, a lenha elevou o custo de produção, pois os agricultores tiveram que obtê-la de outra forma, geralmente, por reflorestamento ou compra.

Neste contexto, estes três produtos (arroz, fumo e milho) alicerçam a lavoura empresarial da Microrregião, enquanto que o feijão, batata doce, cana-de-açúcar, cebola, mandioca, batata-inglesa (com exceção do município de Silveira Martins, onde

é o principal produto), e alguns cultivos referentes à lavoura permanente, como a laranja, maçã, limão, entre outros, permanecem como produtos de subsistência nas propriedades rurais de toda a Microrregião em análise.

Atualmente, os principais obstáculos à produção agrícola na Microrregião de Restinga Seca estão concentrados no uso intensivo do solo, causando a degradação, principalmente, em áreas mais declivosas, aumentando o escoamento das águas das chuvas para os rios, assoreamento, inundações e, conseqüentemente, perdas na produção.

Além disso, destaca-se a indisponibilidade de terras para expandir as lavouras, uma vez que, as propriedades rurais, na sua maioria, constituem-se de pequenas propriedades, com intensa ocupação. Algumas possuem parte de sua área com mata nativa e, portanto, não podem ser utilizadas.

Quanto à pecuária na Microrregião, destacam-se os rebanhos bovinos, suínos e ovinos, bem como as aves. Juntos, os municípios de Restinga Seca e Formigueiro detêm o maior rebanho bovino da Microrregião, com 62,96% do número total de cabeças. Embora nestes municípios, a pecuária tenha cedido espaço para agricultura, principalmente para o arroz, a criação ainda exerce um importante papel nas suas economias, pois se destina, em sua maioria, ao comércio. Os suínos têm o maior rebanho concentrado no município de Agudo (33,7%), seguido de Restinga Seca (17,6%) e Nova Palma (13,9%) do total. Esta criação é significativa, principalmente, para o pequeno produtor rural, pois este obtém carne e banha para consumo próprio e, o restante para a venda (IBGE, 2002). Além disso, através dos derivados, obtém embutidos como torresmo, salame e salsichão para comercializar em feiras locais.

Os ovinos representam o menor rebanho da Microrregião, com um total de 23.182 cabeças, não sendo significativo seu comércio (IBGE, 2002). Assim, a pecuária na Microrregião de Restinga Seca, apresenta caráter comercial, nos municípios de

Restinga Seca, Formigueiro e Agudo, com os rebanhos bovinos, suínos e aves, sendo que, nas pequenas propriedades (principalmente com o leite), destinam-se a subsistência das famílias.

Esta situação deve-se a pequena extensão de terras que dispõe o agricultor familiar, ocupando sua totalidade para o cultivo agrícola, pois deste, obtém uma resposta mais rápida, uma vez que, a pecuária requer certo tempo de espera para dar um retorno financeiro significativo, além da falta de incentivo através de políticas regionais voltadas para este segmento da economia.

Tendo em vista as transferências socioeconômicas, impostas pelo atual sistema de produção, o rural, na Microrregião, resulta em novos arranjos espaciais. De uma maneira geral, estruturam-se novos arranjos espaciais, que atribuem outro sentido ao campo, baseado, na agricultura intensiva (busca aumento de produtividade) aliada ao espaço de consumo (turismo, lazer, residência), juntamente, com áreas de proteção ambiental. Desse modo, surgem novas perspectivas de desenvolvimento local e regional para esta porção do espaço gaúcho que, em constante transformação, desde o primeiro momento da sua ocupação, em meados de 1750, com os portugueses e africanos nas terras planas da depressão e, após, com os imigrantes europeus, nas partes mais declivosas do rebordo, testemunham o trabalho realizado por estas culturas sobre o espaço e, neste, imprimindo suas referências, tornando-o distinto e, ao mesmo tempo, dinâmico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do processo migratório, os colonos transformaram a paisagem da Microrregião Geográfica de Restinga Seca, impondo-lhe seu domínio. Os sinais reveladores de sua origem são expressos através da forma, visíveis no estilo das casas, no habitat rural e na povoação, ou seja, na organização do espaço. Tais signos demonstram do ponto de vista cultural, uma diversidade, que aliada aos aspectos físicos, formam uma paisagem singular.

Os imigrantes que se instalaram nesta Microrregião, atenderam as metas propostas pelo processo migratório Europa-Brasil, uma vez que, além de ocuparem efetivamente as terras para eles designadas, implantaram e desenvolveram, na mesma, uma agricultura baseada na mão-de-obra familiar. É importante ressaltar também que, embora, nem sempre a área fosse propícia para o cultivo, principalmente nas colônias situadas no rebordo do planalto, em decorrência da sua declividade acentuada e, também, pela presença de rochas expostas na superfície, os imigrantes, primeiros ocupantes, continuaram desenvolvendo atividades agrícolas.

Neste sentido, pode-se inferir que a Microrregião em análise possui sua base econômica alicerçada no setor primário, com destaque para a agricultura, segmento que mais contribui para a arrecadação de impostos e, também, alicerçada na presença da atividade agrícola, principal segmento rural dos municípios que a compõe. Os estabelecimentos rurais existentes na Microrregião são tipicamente minifundiários, o que pode ser considerado herança do processo colonizador ocorrido neste recorte espacial gaúcho, uma vez que o imigrante europeu recebeu pequenos lotes para cultivar.

Ressalta-se, também, na Microrregião em estudo, o predomínio da lavoura temporária sobre a permanente, com destaque para as culturas do arroz, fumo e milho, as quais compõem as lavouras comerciais e, que são, economicamente, as mais importantes para os municípios e responsáveis pela organização do seu espaço produtivo. No entanto, as culturas como feijão, mandioca e batata-doce, possuem papel socioeconômico nas pequenas propriedades, quer na subsistência familiar e alimentação dos animais, quer na comercialização dos excedentes, em feiras semanais do pequeno agricultor, organizadas na própria localidade onde residem, ou em municípios próximos.

A área plantada destinada as principais culturas que compõe a lavoura temporária da Microrregião de Restinga Seca, com o decorrer do tempo, tem sofrido significativo aumento, bem como

sua produtividade, o que pode ser constatado através de pesquisas realizadas nos Censos Agropecuários. (IBGE). Destaca-se que, inicialmente, as colônias cultivaram milho, feijão e a batata-inglesa, sendo o arroz destinado ao consumo próprio. No decorrer do desenvolvimento agrícola destas, incorporaram a cultura do fumo e, aumentaram a produção de arroz, tornando-os, desde cedo, produtos exportáveis e, que se mantiveram como tradicionais na Microrregião atualmente.

Deste modo, salienta-se que, a cultura do arroz, altamente mecanizada, predomina sobre as demais, demonstrando a ampla utilização das áreas de várzea as margens do rio Jacuí, bem como de outros recursos hídricos existentes na área em estudo. Isso se reflete no sucesso da realidade orizícola da porção central do Rio Grande do Sul, ocupando posição privilegiada em relação aos demais estados brasileiros, fazendo parte dos mais altos níveis de produtividade nacionais e mundiais.

O mérito deste sucesso pode ser atribuído à estrutura fundiária dos Municípios, formada, quase que exclusivamente, por pequenos proprietários, mão-de-obra familiar, solo propício às culturas, abundância de recursos hídricos e emprego de tecnologia, uma vez que o pequeno produtor, na medida do possível, não economiza nas práticas que dão bons resultados, a fim de produzir significativamente para não serem excluídos do cenário econômico baseado na acumulação de capital. Nesta perspectiva, a produção agrícola na Microrregião em estudo representa o setor produtivo, com amplo uso de tecnologia a qual tem reflexo nos altos índices de produtividade. Entretanto, é importante destacar que a sua adoção não ocorreu de forma homogênea.

Assim, a diferenciação econômica dos Municípios que compõem a Microrregião em estudo ocorreu pela forma desigual com que os mesmos aderiram à ação do capitalismo no campo. Os que se incorporaram ao capitalismo representam o seguimento produtivo empresarial e, por outro lado, aqueles que não ingressaram neste sistema, fazem

parte do seguimento produtivo tradicional, abrangendo principalmente os pequenos agricultores, que dispõem de escassos recursos financeiros e, por possuírem terras geralmente impróprias para a agricultura, não podem dinamizar este segmento. Portanto, ficam às margens do processo e, conseqüentemente, impedidos de melhorias significativas de suas condições de trabalho e padrão de vida.

Ressalta-se, também, que nas pequenas propriedades, pelo fato dos produtores disporem de pequenas extensões de terras, o uso intenso da mesma, pode levar ao esgotamento do solo, ou a sua exaustão total. Portanto, é necessário o controle do meio ambiente pelo produtor rural, para o mesmo manter a reprodução do capital. Neste contexto, faz-se necessário à minimização dos danos causados ao ecossistema pela ação antrópica, através do uso racional do espaço agrário e dos recursos naturais disponíveis, buscando viabilizar a sustentabilidade da produção para a comunidade e, conseqüentemente, para as gerações futuras.

Pode-se dizer, então, que na prática, a relação entre os caracteres físicos e humanos, confere a um determinado espaço originalidade e homogeneidade. Por outro lado, evidenciam os problemas de desigualdades regionais, pois nem todas as sociedades dispõem dos mesmos mecanismos de conhecimentos e técnicas, e do mesmo registro de interpretação e motivações. Estes, são expressões fornecidas pelos laços culturais.

Neste sentido, frente às novas tendências do mercado, surge a perspectiva de desenvolvimento do turismo rural na Microrregião em estudo. Através da disponibilidade econômica proporcionada pela beleza da paisagem e da cultura, o pequeno proprietário procura, através da pluriatividade, agregar valor a terra, com fontes não agrícolas.

Para tanto, beneficia-se da herança colonial-arte, fala, música, gastronomia, estilo da casa e paisagem típica do campo, com natureza privilegiada- como atrativo para o desenvolvimento desta

atividade, que não é prejudicada pelas diferentes manifestações das condições de tempo (excesso de chuvas e estiagem), como a agricultura. Com isso, têm início, neste recorte espacial, novas formas de organização do seu espaço produtivo, manifestadas através de diversos empreendimentos, no intuito de atender a este fim, ressaltando o valor da herança colonial como marca registrada nesta porção do espaço gaúcho.

Neste sentido, pode-se constatar a dinâmica da Microrregião Geográfica de Restinga Seca, através da utilização de seu espaço produtivo-agricultura tradicional aliada a novas perspectivas de turismo rural, com ênfase no segmento colonial-buscando alcançar o desenvolvimento econômico e, desta forma, proporcionando a melhoria nas condições de vida da sua população.

Desse modo, salienta-se a importância da análise das transformações culturais no espaço da Microrregião, bem como sua reestruturação. Assim, a partir deste conhecimento e de uma profunda análise das dificuldades e dos erros cometidos no passado, possa-se prognosticar viabilidades econômicas para os Municípios que compõem esta Microrregião.

As tradições surgem como uma saída para o desenvolvimento local e regional deste recorte espacial, através do vínculo cultural que tem sido transmitido pela descendência, alguns de forma mais expressiva, materializando-se no espaço, outros menos e, nem sempre visíveis. Esta diversidade étnica confere uma riqueza cultural à Microrregião em estudo, onde as raízes africanas, portuguesas, italianas e alemãs proporcionam distintas formas de organização do espaço, além do conhecimento de suas crenças e costumes mais significativos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZZI, M. L. **Região: uma (re)visão historiográfica-** da gênese aos novos paradigmas. 1996. 377 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de São Paulo, Rio Claro, 1996.

_____. Região como foco de identidade cultural. **Geografia**, Rio Claro, v. 27, n. 1, p. 05-19, 2002.

BRONDANI, I. M. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul**. 1981. 19 p. Trabalho de Graduação (Geografia). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1981.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta; Margarete de Castro Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 1980**. Rio de Janeiro: Ed. do IBGE, 1980.

_____. **Censo Agropecuário de 1996**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidades@>. Acesso em 22 out. 2002.

INSTITUTO RIO-GRANDENSE DO ARROZ. **Anuário estatístico do Arroz 1960**. Porto Alegre: IRGA, 1960.

MOURA, L. G. V.; MIGUEL, L. A.; ALMEIDA, J. **A sustentabilidade da produção fumageira:** as contradições entre o econômico, o social e o ambiental. (artigo científico). Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/projetos/rururbanos/zipados/moura.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2003.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

WERLANG, W. **História da colônia de Santo Ângelo**. Santa Maria: Pallotti, 1995.